

COMUNIDADE QUILOMBOLA TRÊS IRMÃO EM CROATÁ - CEARÁ: RESQUÍCIOS ORAIS DO BRASIL IMPÉRIO E DE UMA HISTÓRIA ANÔNIMA

Ryan Igor da Costa Souza¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo principal refletir sobre os métodos os quais recorreremos para construir um relato oral através das memórias dos mais velhos utilizando BOSI (1995), e encaixar, historiograficamente, tais relatos em um determinado tempo. Analisar a Comunidade Quilombola Três Irmãos visando associar os relatos dos seus moradores a um período ainda existente de escravidão no Brasil.

Palavras-chave: memória; quilombo; história oral.

ABSTRACT

The main objective of this article is to reflect quickly on the methods we use to construct an oral report through the memories of the elders using BOSI (1995), and to fit, historically, such reports at a given time. Analyze the Quilombo Community Três Irmãos in order to associate the reports of its residents with a still existing period of slavery in Brazil.

Key-words: memory; quilombo; oral history.

RESUMEN

El objetivo principal de este artículo es reflexionar rápidamente sobre los métodos que utilizamos para construir un informe oral a través de las memorias de los mayores utilizando BOSI (1995), y ajustar, históricamente, dichos informes en un momento dado. Analizar la Comunidad Quilombo Três Irmãos para asociar los informes de sus residentes con un período de esclavitud aún existente en Brasil.

Palabras clave: memoria; quilombo; historia oral.

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Especializado em História e Cultura Afro-Brasileira. E-mail: ryanigor10@outlook.com

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa trata principalmente, mas não exclusivamente, das memórias da oralidade onde em certos momentos tais memórias se confundem com a invenção e a incapacidade da dissociação com o que realmente aconteceu. Traz a realidade do Quilombo Três Irmãos, em Croatá da Serra, no Ceará, condições de vida, paisagens e pessoas que retratam uma história pouco contada que muito há para se descobrir. Busca-se também a elucidação da tese que o início da ocupação se deu no final do Período Imperial.

Segundo os estudos de Abdias Nascimento:

Quilombo é um movimento amplo e permanente que se caracteriza pelas seguintes dimensões: vivência de povos africanos que se recusavam à submissão, à exploração, à violência do sistema colonial e do escravismo; formas associativas que se criavam em florestas de difícil acesso, com defesa e organização sócio-econômico-política própria; sustentação da continuidade africana através de genuínos grupos de resistência política e cultural (NASCIMENTO, 1980, p.32).

A comunidade quilombola de Três Irmãos, localiza-se na zona rural do município de Croatá, região Norte do estado do Ceará, com uma área de 2.946,9 hectares, segundo o Instituto Nacional de Reforma Agrária - INCRA.

O início da comunidade teria ocorrido com a chegada de uma escrava chamada Luzia Maria da Conceição, fugida do estado do Maranhão, de acordo com seu bisneto Sr. Raimundo. Essa narrativa do início da formação da comunidade é passada pela oralidade para as gerações seguintes de moradores que ali habitam. Mas por que considerar tão importantes tais declarações orais de um idoso comum que pode muito bem criar uma estória? Marilena Chauí responde:

(...) Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois, como escrevera Benjamin, só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado. O que foi não é uma coisa revista por nosso olhar, nem é uma idéia inspecionada por nosso espírito - é alargamento das fronteiras do presente, lembrança de promessas não cumpridas. Eis porque, recuperando a figura do cronista contra a do cientista da história, Benjamin afirma que o segundo é uma voz despencando no vazio, enquanto o primeiro crê que tudo é importante, conta e merece ser contado, pois todo dia é o último dia. E o último dia é hoje. (CHAUI; BOSI, 1995, p. 18).

Dessa forma, é possível compreender que nem sempre a escrita parte de uma origem do Positivismo onde consideramos apenas determinados tipos de fontes como oficiais, portanto, compreendemos o papel relevante e essencial da abordagem da vivência com as tradições passadas de geração em geração, compreendemos o papel essencial do historiador como sujeito ativo. Recolher um conhecimento que seria passado e perdido com o tempo é tarefa sem dúvida bastante complicada, todavia, a dificuldade traz à tona um papel investigativo a ser desenvolvido e isso é típico da abordagem minuciosa trazida pela micro-história, mantendo um certo distanciamento da história regional.

Enquanto a História regional corresponde a um domínio ou a uma abordagem historiográfica que foi se constituindo em torno da idéia de construir um espaço de observação sobre o qual se torna possível perceber determinadas articulações e homogeneidades sociais (e a recorrência de determinadas contradições sociais, obviamente), já a Micro-História corresponde a um campo histórico que se refere a uma coisa bem distinta: a uma determinada maneira de se aproximar de certa realidade social ou de construir o objeto historiográfico. A Micro-História, sustentaremos aqui, relaciona-se a uma abordagem, mais do que a qualquer outra coisa. (BARROS, 2007, pp.168-169).

Residem na comunidade cerca de 30 famílias que compõem a Associação Quilombola Três Irmão fundada em 2017, de acordo com informações dos moradores, sendo que os dados oficiais contabilizam apenas 15 famílias residentes.

Contextualiza-se, pois, a comunidade como resquício do Brasil Império pelo fato das narrativas contarem uma época que a escravidão acontecia e, também, pelo fato de ainda existir uma casa, denominada Casa de Pedra, em outra comunidade próxima ao local, que era uma casa senhorio da região, de acordo com os moradores mais antigos, lá era uma antiga casa-grande², inclusive com uma senzala inclusa aos fundos, como anexo, semelhante à casas de cães na contemporaneidade.

Portanto, trabalhar com a oralidade é utilizar um pouco da sorte e da subjetividade de quem conta o ocorrido, porém, como historiador, me vejo no papel de associar o fato a um determinado tempo a partir das características contadas. E nessa perspectiva nos deparamos

² A casa-grande foi casa de morada, vivenda ou residência do senhorio nas propriedades rurais do Brasil colônia a partir do século XVI. Tudo no engenho girava em torno da casa-grande, sendo ela uma espécie de centro de organização social, política e econômica local. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=831&Itemid=1 Acesso em: 27 Nov 2020.

com acontecimentos que encaixam-se perfeitamente em um recorte temporal. No caso da formação do Quilombo Três Irmão, podemos supor que tenha sido formado no final do século XIX, tendo em vista que o idoso que conta as narrativas se diz bisneto de uma escrava que fincou morada na região, também, pelo fato de existir/resistir memórias de que naquela época citada ainda existia senhores de escravos na região, comprovado pela existência da Casa de Pedra. A veracidade dos fatos é uma afirmação muito forte, no entanto, é possível fazer aproximações que tragam um grau de veracidade para os relatos no tempo, mesmo que o grau de parentesco com a ex-escrava fugida do Maranhão citada seja muito próximo (bisneto), é inegável os resquícios do escravismo existentes naquela região.

METODOLOGIA

O desenvolvimento da metodologia do artigo é feito em fases, duas em si apresentadas na introdução e uma terceira apresenta-se no corpo do texto. Há uma discussão introdutória sobre a apresentação de quilombos em NASCIMENTO (1980), seguido de uma reflexão a respeito da importância das memórias dos mais velhos em BOSI (1995), onde, conforme Marilena Chauí (1995) tem importância essencial a não negligência às memórias dos mais antigos e as suas experiências adquiridas de seus antepassados.

Um terceiro momento diz respeito a algumas reflexões típicas da micro-história em BARROS (2007), fase a qual é trazida durante todo o texto quando faz a apresentação das características da comunidade Três Irmãos e, também, abre a possibilidade do estudo das partes ao invés do todo, como, por exemplo, a agricultura desenvolvida na localidade, as formas arquitetônicas das moradias, cultura, educação, dentre outros.

Foi feita uma visita ao local no ano de 2014, onde foram feitas perguntas aos moradores da comunidade, professores, feitas anotações e fotografias do local. Um dos moradores com que estive e desenvolvi uma conversa com mais afinco foi o Sr. Raimundo e uma professora descendente do quilombo chamada de Antuniza, também dialoguei com um professor que reside na sede do município o qual trabalha na escola da comunidade, em todos os casos foi recebida a autorização de utilizar as anotações feitas e informados que terão seus depoimentos discutidos no trabalho.

COMUNIDADE QUILOMBOLA TRÊS IRMÃOS

A Comunidade Quilombola Três Irmãos, fica próxima a um distrito chamado Santa Teresa, que faz divisa com o estado do Piauí. Os desafios da comunidade são muitos, para começar, o acesso é por uma estrada de terra vermelha (piçarra) e uma outra parte de areia, a localidade fica aproximadamente 23 km da sede de município, conforme o Google Maps, o que dificulta bastante o acesso às políticas públicas.

Não se sabe ao certo a data de origem que deu início a ocupação da comunidade, isso esse trabalho tenta supor e a partir de entrevistas investigar, no entanto, é possível deduzir que seja entre o final do século XIX e início do século XX, através das características recolhidas por meio de contato e conversas com pessoas da região, dessa forma, podendo inferir o final do Brasil imperial e início da república.

É essencial trazer à tona os acontecimentos do ano de 2008, ano que veio a maior conquista para a comunidade com o reconhecimento da delimitação das terras ocupadas pelo quilombo Três Irmãos, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) publicou a portaria no Diário Oficial da União (DOU), assinado pela presidente Dilma Rousseff, a partir desse ponto começaram uma melhor organização de identificação de seus moradores como tais, nem todos se reconheciam como descendentes de uma comunidade de escravos fugitivos, no entanto, eram os primeiros passos para a (re)construção de uma mentalidade, de uma identificação como minorias e sujeitos que buscam reconhecimentos nas políticas públicas.

No que diz respeito a demarcação da terra pertencente a comunidade Três Irmãos, pode-se trazer o início do processo de formulação das leis, onde começavam a consolidação de direitos sociais reflexos da Constituição Cidadã promulgada em 1988, que pela primeira vez na história das constituições fomenta o reconhecimento com bases legais das comunidades remanescente de quilombos, ainda não fixada em lei específica, mas contido no Ato das Disposições Constitucionais Transitórias - ADCT, em seu artigo 68. Dentro do mesmo tema de asseguramento de direitos constitucionais, apresenta-se como fundamental o

princípio da autodeterminação dos povos e comunidades tradicionais, confirmado pela Organização Internacional do Trabalho - OIT, Convenção nº 169. Assim, as comunidades além de poderem se identificar como quilombolas passaram a ter o direito como garantia da autoafirmação.

Segundo informações da moradora Antuniza, uma líder comunitária e também professora da escola, houve um aumento dos conflitos entre os anos de 2006 e 2008, a população relata que ocorria uma intensa perseguição aos moradores pelos herdeiros das terras, uma família que as tinham como suas, espécies de coronéis da atualidade naquela região.

O que foi descrito na situação mencionada, acontecia o que é bastante comum em muitos lugares que os cidadãos estão em contato direto com a violência, muitos se retiravam com suas famílias para outros lugares e abandonavam suas casas, pois estava sendo perseguidos.

Sobre a identidade, há um percurso muito longo no que diz respeito a identificação daquelas pessoas enquanto minorias, isto é, em uma contextualização de distribuição igual de direitos, a educação apresenta-se como “porta” de entrada para o esclarecimento e a busca por representatividade. Em um local que até pouco tempo não havia um reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo, mostra-se como território de lutas recentes e o enfrentamento dessas desigualdades ainda é gradual tendo em vista os passos lentos de avanços educacionais visíveis. Também, de acordo com Soares (1981), quando afirma que a maioria das comunidades quilombolas que estão distribuídas pelo Brasil na atualidade, nem sempre se associam à ideia clássica de quilombos que por muito tempo foi trazida. Assim, em partes muitos dos grupos referenciados à memória da escravidão e à posse coletiva da terra, em casos estudados por antropólogos, sociólogos ou historiadores nos anos 1970/80, tinham seu mito de origem em doações senhoriais realizadas no contexto da abolição; ou no trabalho e religiosidade dos próprios negros, nem sempre trazendo a contextualização da fuga e da selvageria inegável passada pelos seus ancestrais.

Além de reconhecimento, a partir desse ponto foi possível trazer gradualmente a mentalidade de não deixar “morrer” uma história tão importante, a qual remonta as origens e

fatos que a historiografia contemporânea tanto se empenha em contar. As transformações nas formas de contar a história são voláteis e a manifestação dessas pessoas, em destaques para as mais velhas, são sem dúvidas essenciais.

A função social do velho é lembrar e aconselhar - *memini, moneo* - unir o começo e o fim, ligando o que foi e o por vir. Mas a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos. Sociedade que, diria Espinosa, "não merece o nome de Cidade, mas o de servidão, solidão e barbãrie", a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa. (CHAUI; BOSI, 1995, p. 18).

E percorrer o sentido contrário a isso é um dos maiores desafios dessa pesquisa, é dar novos “braços” para esse “rio” que deságua em uma “foz” que contém toda a história, é uma tentativa de dar sentido a tradição da oralidade trazida pelos mais idosos e que as fatalidades da não educação do registro acaba por deixa-se perder. Portanto, ao historiador cabe o papel do registro, a luta pela preservação das memórias e pela a forma mais verdadeira possível que será contada, mesmo que para isso ele “beba” nas “águas” da interdisciplinaridade, aprofundando-se nos conceitos e nas reflexões sobre quem são? O local? Como vivem? Do que vivem? E quaisquer outras indagações que mostrarem necessidade de se fazerem presentes.

O modo de vida e produção em nada se difere das demais comunidades da região. Os quilombolas se mantêm da agricultura de subsistência e esporadicamente vendem o excedente na sede da cidade em dias de feira. São dependentes, assim como a maioria dos agricultores do Nordeste, do período chuvoso, onde as chuvas proporcionam as colheitas em meio a caatinga.

A arquitetura também merece destaque, pois muitas moradias permanecem sendo de pau-a-pique também chamada de taipa, isto é, tendo como seu principal material o barro e a madeira. Outra característica que merece destaque é o fato de nas moradias viverem mais de uma família, geralmente filhos, levados pelo medo de construir novas casas em uma região que viviam sobre ameaça do suposto “dono” das terras, haja vista o fato que antes de 2008 a posse da terra ainda não ter sido demarcada como território quilombola.

Em um povoado próximo a comunidade Três Irmão há uma construção popularmente chamada de Casa de Pedra, antiga casa de um senhor de terra da região, hoje sem moradores, mas que em sua arquitetura remonta as características das antigas casas-grandes em sua época áurea. A casa tem paredes largas e compartimentos escondidos, inclusive com uma casa de escravos anexada aos fundos, sem janelas, que ainda permanecem com correntes e materiais em ferros que, segundo os mais antigos, era onde os escravos do senhor dono da casa dormiam.



Figura 1: Casa de Pedra. Fonte: SOUZA, R. I. C (2020).

No parágrafo acima tomei a liberdade da escrita para chamar os trabalhadores da Casa de Pedra como escravos, tendo em vista o contexto historiográfico e a capacidade de situar o tempo com os acontecimentos e objetos descritos, porém, alguns dos mais antigos com quem conversei, como o Sr. Raimundo, não chamam dessa forma, os tratam apenas como Negros da Casa de Pedra. Mesmo quando é falado dos ex-escravos fugidos do Maranhão há um negacionismo³ no tratamento como escravos, preferindo a nomenclatura de Negros.

³ Negacionismo é a escolha de negar a realidade como forma de escapar de uma verdade desconfortável. Na ciência, o negacionismo é definido como a rejeição dos conceitos básicos, incontestáveis e apoiados por consenso científico a favor de ideias, tanto radicais quanto controversas. Disponível em: <https://www.telavita.com.br/blog/negacionismo/> Acesso em: 27 Nov 2020.

Acredito que a maior dificuldade enfrentada pelos remanescentes quilombolas é a identificação da própria identidade, parece pleonástico, mas a maioria não se identifica como tais e, nessa contextualização, a educação apresenta-se com grande significado para os moradores dali. Considerar a educação como estopim para a construção dessa identidade ganhou maior força com a construção de uma escola dentro da comunidade e teve significados incontáveis, embora graduais.

Foi construída no local uma escola que ganhou o nome da primeira moradora que formou e deu início ao quilombo, em homenagem a escrava Luzia, ancestral místico dos três irmãos que constituíram o quilombo, como diz os relatos dos mais velhos. De acordo com as lideranças da comunidade, o descendente direto mais próximo de Luzia é o seu bisneto que mora no quilombo, e tem hoje mais de 70 anos de idade, homem negro e de aparência debilitada devido a idade e ao trabalho exaustivo do campo. Garantir a esses descendentes o direito de, no seu território, estudar e aprender sobre sua ancestralidade, contar suas histórias, sua cultura e sua arte a partir do espaço escolar e das práticas pedagógicas desenvolvidas, possibilita a construção de uma sociedade antirracista e que valoriza seus antepassados. Seria o início do retorno dessa identidade que estava se perdendo.

Assim, a Escola Luzia Maria da Conceição, que era apenas um anexo da EEMTI de Croatá Flávio Rodrigues, situada na sede do município, deixou de ser uma extensão e ganhou autonomia em 2015 como escola. A emancipação citada foi oficializada por meio do Decreto Nº 31.811 de 3 de novembro de 2015, hoje a escola, com todas as dificuldades, conta com estrutura própria e faz parte da estrutura educacional da Secretaria de Educação do Ceará. Sendo, portanto, a primeira unidade de ensino quilombola da rede estadual cearense, e fundamental para o reconhecimento do local e da identidade naquelas pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de um fecho para uma narrativa que pode ter uma enorme gama de discussões não é algo simples, buscar fontes indo direto na origem é uma ação que permite muito mais do que apenas fazer um trabalho sobre aqueles sujeitos, foi uma forma que permite refletir as situações e analisar o cotidiano dessas pessoas.

Um dos pontos de fundamental importância é o fato da comunidade estar aberta ao diálogo e compreender a relevância das pesquisas para a visibilidade de sua comunidade, de fato essa concordância é resultado do processo de reconhecimento e aprofundamento em sua identidade como quilombolas.

O diálogo proporcionado pela experimentação da cultura de contar histórias, nos permite realmente inferir; apesar de haver apenas a utilização da fonte da oralidade nesse momento, que as características observadas, contadas e construídas pelo imaginário local tem propriedades que as assemelham com o final do Brasil Império, onde os laços com a escravidão eram bem visíveis, embora não podendo, ainda, levantar a afirmação se antes ou pós-abolição.

Foi possível visualizar nessa pesquisa avanços no sentido da identificação como sujeitos que podem reconstruir ou recontar suas histórias, esse levantamento positivo foi, principalmente, pelo acesso à educação e pela aquisição da escola que proporcionou um alcance mais direto dos moradores a professores e líderes comunitários comprometido em não deixar uma história tão importante no esquecimento.

O processo é, sem dúvidas, gradual, no entanto, uma consideração é pertinente nas reflexões levantadas: o acesso as políticas públicas é um direito e deve ser considerado como algo essencial para a comunidade, todavia, mais importante do que ter acesso ao que lhes é de direito é ter uma completude na identificação daquelas pessoas como remanescentes quilombolas, pois a partir do momento seu seus papéis forem definidos na sociedade abre-se brechas para uma busca de direitos mais consolidada, já sabendo onde se quer chegar.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. Sobre a feitura da micro-história. OPSIS, Vol. 7, nº9, juldez 2007 (pp.168-169).

BOSI, Ecléia. Memória e sociedade: Lembranças de velhos. São Paulo. 4ª ed. Editora SCHWARCZ LTDA. 1995.

BRASIL, DECRETO Nº 4.887 de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm >. Acesso em 16 Nov. 2020.

BRASIL, DECRETO LEI 6.040 de 2007. Institui a Política de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: < www.planalto.gov.br >. Acesso em 16 Nov. 2020.

CEARÁ, Secretaria de Desenvolvimento Agrário (SDA). Mapeamento das comunidades quilombolas do Ceará. Fortaleza: SDA, 2019, p.371-378.

NASCIMENTO, Abdias. O quilombismo. Petrópolis: Vozes, 1980.

SOARES, Luiz Eduardo. Campesinato: ideologia e política. Rio de Janeiro. Zahar Editores S.A., 1981

BOBBIO, Norberto. Positivismo jurídico: lições de filosofia do direito. São Paulo: Ícone, 1995.

QUEIROZ, M. I. P. de. Relatos orais: do indizível ao dizível. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 39, n.3, p. 272-286, mar. , 1987.

THOMPSON, P. *A voz do passado - história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

ALBERTI, V. *O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral*. Rio de Janeiro, CPDOC, 2003. Disponível em <www.cpdoc.fgv.br>. Acesso em: 19 jan. 2007.